

Quando falta o ar, um convite para conhecer o SUS

When there is out of breath, an invitation to get to know the Unified Health System

Cuando hay falta de aire, una invitación a conocer el SUS

Daniela Muzi^{1,a}

daniela.muzi@icict.fiocruz.br | <https://orcid.org/0000-0002-0706-5961>

¹ Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^a Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz.



RESUMO

Esta resenha analisa o filme Quando falta o ar, de Ana Petta e Helena Petta (Brasil, 2021). O documentário mostra o trabalho diário de trabalhadoras e trabalhadores do sistema público de saúde brasileiro durante a pandemia de covid-19. Com foco no cuidado e revelando a face humana da luta coletiva, o filme evidencia a interseção entre saúde, religiosidade, desigualdade e racismo estrutural em várias regiões do país, ao mesmo tempo em que se articula, na forma e conteúdo, com os princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS): universalidade, equidade e integralidade. Ao chegar às telas de cinema e às plataformas de streaming, o documentário cumpre um importante papel de comunicação sobre o SUS, presente em todos os 5.570 municípios do país e do qual mais de 160 milhões de pessoas dependem exclusivamente para ter acesso a serviços de saúde.

Palavras-chave: Comunicação em saúde; Covid-19; Sistema Único de Saúde; Filmes cinematográficos; Brasil.

ABSTRACT

This review analyzes the movie Quando falta o ar (When there is out of breath), by Ana Petta and Helena Petta (Brazil, 2021). The documentary shows the daily work of workers involved in the Brazilian public health system during the covid-19 pandemic. With a focus on care and revealing the human face of the collective struggle, the film highlights the intersection between health, religiosity, inequality and structural racism in different regions of Brazil; at the same time, it is associated in form and content with the doctrinal principles of the SUS – Sistema Único de Saúde (Unified Health System): universality, equity and integrity. With its broadcast on cinema screens and on streaming platforms, the documentary plays a key role in communicating about the SUS, present in all 5.570 Brazilian municipalities and of which more than 160 million of people depend on exclusively in order to access the health services.

Keywords: Health communication; Covid-19; Unified Health System; Motion pictures; Brazil.

RESUMEN

Esta reseña analiza la película Quando falta o ar (Cuando hay falta de aire), de Ana Petta y Helena Petta (Brasil, 2021). El documental muestra el trabajo diario de trabajadores del sistema público de salud brasileño durante la pandemia de covid-19. Con un enfoque de cuidado y revelando la cara humana de la lucha colectiva, la película destaca la intersección entre la salud, la religiosidad, la desigualdad y el racismo estructural en varias regiones de Brasil, al mismo tiempo que se articula en forma y contenido con los principios doctrinales del SUS – Sistema Único de Saúde (Sistema Único de Salud): universalidad, equidad e integralidad. Al llegar a las pantallas de cine y a las plataformas de *streaming*, el documental cumple una importante función de comunicación sobre el SUS, presente en los 5.570 municipios del país y del que más de 160 millones de personas dependen exclusivamente para acceder a los servicios de salud

Palabras clave: Comunicación en salud; Covid-19; Sistema Único de Salud; Películas cinematográficas; Brasil.

Obra resenhada: QUANDO falta o ar. Direção: Ana Petta, Helena Petta. São Paulo: Paranoid: Clementina Filmes, 2021. 1 vídeo (81 min.).

Contribuição dos autores: a autora é responsável por todo o texto.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 4 maio 2023 | aceito: 4 maio 2023 | publicado: 30 jun. 2023.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Para a leitura desta resenha, sugere-se dois exercícios. Primeiro: fechar os olhos e pensar na pandemia de covid-19 e ver quais sentimentos e palavras vêm à mente. Segundo, ainda de olhos fechados, prender a respiração por alguns instantes até enquanto aguentar. Agora que o silêncio chegou, respire, inspire, sente-se de forma confortável e vamos lá. Essa é uma ambiência sensorial para promover a leitura das linhas e entrelinhas desse texto, já que nos distanciamos da situação álgica da pandemia e de todo o debate em torno da importância do Sistema Único de Saúde (SUS) ocorrido no período. Um período em que todos “[fomos] índios” em alusão ao texto do antropólogo Bruce Albert, na ocasião da primeira morte de covid-19 entre os Yanomami, em abril de 2020. “Mas, frente a esta pandemia, algo subitamente mudou. Nós, brancos, estamos hoje tão desamparados frente à covid-19 quanto os ianomâmis [*sic*] frente às epidemias letais e enigmáticas (*xawara a wai*) que nosso mundo lhes inflige há décadas.” (ALBERT, 2020, p. A3). Estamos falando aqui de um sistema público de saúde que precisa ser visto, conhecido, entendido, valorizado e defendido, uma vez que o SUS é para todas e todos e por isso as suas discussões e questões não devem ficar restritas aos profissionais do campo da saúde.

Lançado nos cinemas no Brasil em 9 de março de 2023, o documentário brasileiro das irmãs Ana Petta e Helena Petta, Quando falta o ar, foi o vencedor da edição de 2022 da mostra competitiva de longas e médias-metragens brasileiros do maior festival internacional de documentários do Brasil, o É tudo verdade. Por esse motivo, foi incluído na lista de filmes pré-selecionados para indicação ao prêmio de melhor filme estrangeiro no Oscar de 2023, viralizando a *hashtag* ‘#SUSnoOscar’, um movimento, abraçado por artistas, trabalhadores da saúde e sociedade em geral, de valorização do Sistema Único de Saúde e de defesa à candidatura do filme.

Quando falta o ar acabou não sendo o filme brasileiro selecionado, a vaga ficou com o filme de ficção Marte Um, de Gabriel Martins, que não chegou à indicação de fato. Mas o filme das irmãs Petta já foi vencedor pelo feito de levar o SUS aos cinemas e fazer toda essa movimentação em torno da maior política pública do país, que sofreu severos e consecutivos cortes de recursos nos últimos anos, contribuindo para uma desestruturação do sistema. E o que o documentário conseguiu é muito do que o SUS precisa: sair dos

debates no campo da saúde e alcançar a sociedade em geral, chegar às telas, quaisquer que sejam elas, do cinema, da TV, do YouTube e das plataformas de streaming. Mas essa militância Ana Petta, que é atriz, e Helena Petta, médica infectologista, já conheciam e faziam muito bem. As irmãs são criadoras da série de TV Unidade Básica (2016), em parceria com o roteirista Newton Canito. A série, inspirada em casos reais, acompanha o cotidiano de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na periferia de São Paulo.

O documentário, de 81 minutos, retrata a luta diária de trabalhadoras do sistema público de saúde brasileiro durante a pandemia. Com foco no cuidado e revelando a face humana da luta coletiva contra a covid-19, mostra o trabalho nos hospitais, dentro das Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), mas também o trabalho junto da população, na atenção básica, privilegiando uma abordagem diferente da que foi dada pela cobertura jornalística.

O filme nasce da inquietação de Helena durante a pandemia, não mais atuando como médica dentro do serviço hospitalar, mas voltada para a pesquisa acadêmica, para o trabalho com audiovisual e com um filho bebê em casa. A diretora fica muito tocada com a atuação dos profissionais de saúde que estavam na linha de frente. E, juntamente com a sua irmã, pensa em formas de contribuir. Começa então a conversar com alguns colegas de profissão e a fazer entrevistas com esses profissionais, já entendendo que se tratava de um momento histórico que precisava de registro. Foram mais de 100 horas de entrevistas via Skype e Zoom até chegar setembro de 2020, quando acharam que a situação havia melhorado e partiram para a filmagem em cinco estados - Amazonas, Bahia, Pará, Pernambuco e São Paulo. Dois pontos eram fundamentais para Helena, que trabalhou em uma UBS na periferia de Campinas: mostrar o trabalho das equipes de saúde nas diferentes regiões do país e mostrar os diferentes níveis de atenção à saúde, ou seja, tanto o trabalho de maior complexidade nos hospitais, quanto o trabalho na atenção primária, incluindo o realizado junto às populações ribeirinhas e com as pessoas em situação de cárcere (PETTA, 2022).

As imagens deste filme foram feitas durante a pandemia da Covid-19, de outubro de 2020 a janeiro de 2021, momento em que ainda não havia vacina disponível no Brasil. As filmagens aconteceram nos estados do Amazonas, Bahia, Pará, Pernambuco e São Paulo, nas unidades dos SUS. O SUS é o sistema público de saúde brasileiro. (QUANDO..., 2021).

Com essa cartela no início, o filme estabelece o seu “contrato fundacional”¹ (CARLÓN, 2016 p. 127-128) com o espectador. Trata-se de um documentário, um registro histórico e um manifesto em defesa do SUS, que vai sendo decomposto em vários outros manifestos. Mas o filme que assim se apresenta tem a delicadeza de não bradar ou declamar esses discursos, mas sussurrá-los no tom apropriado que se pede para usar quando estamos em um hospital. Apesar de ser um filme de imagens emocionantes, é o som que se destaca e, muitas vezes, é ele que traz a sensação de ausência de ar. Uma sutileza e um cuidado da produção, ao pensar na ética das imagens no documentário, em não mostrar os pacientes em situação vulnerável e degradante, de não causar um impacto na saúde mental dos espectadores ao reviverem suas histórias de sofrimento e perda durante a pandemia – premissas fundamentais para o audiovisual em saúde.

Esse cuidado e respeito se dão pelo modo observativo (NICHOLS, 2008), associado à tradição norte-americana do cinema direto, de acordo com a qual o filme documental não possui narração, nem entrevistas e a câmera tem a pretensão de ser uma 'mosca na parede' para não causar interferência na ação. Nesse modo de filmar, somos convidados a acompanhar os acontecimentos quase que em primeira pessoa. E, assim, começamos a entrar nos ambientes hospitalares atrás dos profissionais de saúde que carregam uma maca. Começa o transe que o filme nos provoca. Mais uma cartela.

1 Ao falar do YouTube, o autor usa o conceito “contrato fundacional” para se referir aos fundamentos que orientaram a construção da plataforma e forma com que ela se iria se vincular com os usuários. Ao falar sobre o conteúdo do primeiro vídeo postado no YouTube, *Me ta t the zoo*, um cena prosaica de uma pessoa dizendo que está no zoológico, o YouTube estabeleceu o seu contrato fundacional com o usuário, que era dizer *broadcast yourself*, aqui podem publicar que desejarem.

[...] decidiu redigir esta narrativa, para não ser daquelas que se calam, para depor a favor destes pestiferados, para deixar ao menos uma recordação da injustiça e da violência que lhes tinham sido feitas e para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: que há nos seres humanos mais coisas a admirar do que a desprezar.’ (CAMUS *apud* QUANDO..., 2021).

Da tela preta corta para a tela verde da Amazônia. A partir de então, seguimos de barco. O branco dos macacões da equipe de saúde contrasta com o verde das matas ciliares. Não se sente o calor da floresta, mas é possível imaginar. Um dos homens tira água do barco com um copo. No trajeto cruzam com outros dois barcos. A equipe se aproxima, um deles segura o outro barco com a mão enquanto outro mede a temperatura do ribeirão em pleno rio.

Após esse prelúdio entra em tela o título do filme. Seguimos agora acompanhando o trabalho de uma agente comunitária de saúde (ACS) do Morro da Conceição, em Pernambuco. É lá que acontece uma das cenas mais emblemáticas do filme, até incluída no trailer. A médica de família conversa com a sua paciente idosa, dona Hilda, dando as orientações sobre o distanciamento social e cuidados com a higienização que as pessoas devem ter para entrarem em contato com ela. Antes da equipe de saúde ir embora, dona Hilda chama, “*Essa menina, vem cá.* (pausa) *Ah eu vou chorar.*” E com a voz já embargada pergunta, “*Ô doutora, não faz mal eu comer macaxeira?*”. Aqui entra em cena o princípio da equidade que, no campo da comunicação e saúde, significa uma comunicação que alcance as diferentes condições de vida e necessidades dos interlocutores, diz respeito ao entendimento das diversidades e de contextos. “O acesso [à comunicação] não está garantido pela oferta ou pela simples adequação de códigos a um perfil médio dos desejados receptores, mas pela articulação dos contextos de circulação e apropriação.” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 66). “[...] apropriar-se de algo é tornar este algo próprio e isto só é possível na medida em que o dispositivo de comunicação é adequado aos seus destinatários.” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 63).

A comunicação durante a pandemia de covid-19, prescritiva e de caráter mais epidemiológico, não deu conta de esclarecer que comer macaxeira não fazia mal à saúde, assim como não adequou as recomendações de distanciamento e de higiene para quem não tem acesso à água todos os dias, para quem não tem recursos para comprar álcool gel ou quem não pode fazer isolamento social por viver em uma casa de poucos cômodos com muitos moradores. Mas essa adequação é presente todo o tempo na fala da médica de família, que explica como se lavar “*em dia de água*” e como se lavar “*se não for dia de água*”. E estamos também falando da outra médica de família que trabalha no Complexo Penitenciário Lemos de Brito na Bahia. Em suas consultas, a médica coloca Racionais como música ambiente. E esse texto musical é o texto e (con)texto que abre portas nessa prática inter-relacional que é a comunicação médico-paciente.

A relação médico-paciente, ou melhor, a relação equipe de saúde-paciente extrapola o cuidado da doença, pois ela entende que, no processo saúde-doença, o corpo deve ser visto como um todo e não uma parte que precisa de cuidado, e este é o princípio da integralidade do SUS. “*Eu não estou aí tratando uma doença, estou aí tratando um paciente*”, diz a médica que conversa com pacientes em coma em um hospital em São Paulo. Ela e a equipe têm como missão sentar um paciente acamado que passa por um longo período de internação. O primeiro procedimento é colocar a música Princesa, de Amado Batista. Não é difícil descobrir que é a música preferida do senhor Firmino e é gostoso de assistir o carinho e cuidado de toda a equipe durante essa missão. A dificuldade de respirar é visível, mas ainda assim ele dança com os dedos na barriga. A dança possível durante um período impossível de se viver e ele fala sobre isso. Tendo consciência do momento-filme e da vinculação do documentário com o mundo histórico, Firmino conta a sua história em frente à câmera, quer que fique registrado. Ao fim, dá o seu nome e sobrenome. Ele perdeu a esposa para a covid-19 e depois foi internado. Ele quer voltar para casa. Tem 8 filhos, 23 netos e 15 bisnetos.

O filme também dialoga com o princípio da integralidade no campo da comunicação (ARAÚJO; CARDOSO, 2007), por meio da polifonia de interlocutores. O documentário escuta as vozes de várias

categorias de trabalhadores da saúde muitas vezes inviabilizados. A equipe de enfermagem, enfermeiros e técnicos de enfermagem, profissionais que mais passam tempo com os pacientes. Os profissionais de limpeza, que foram fundamentais para o enfrentamento da pandemia. Os agentes comunitários de saúde, que nos territórios indígenas são agentes indígenas de saúde (AIS), eles fundamentais entre a população e os serviços de saúde. Foram eles que mantiveram o trabalho de porta em porta pelas comunidades, levando e trazendo informação, e contribuíram para o enfrentamento da covid-19 quando muitos não podiam sair de casa. Esses profissionais não costumam ser entrevistados, não recebem grandes salários e são a base da base do sistema público de saúde brasileiro.

Ao ouvir essas múltiplas vozes, Quando falta o ar busca essa multidimensionalidade da comunicação, articulando saberes, práticas, experiências, memórias, afetos, assim como é a atuação das equipes multidisciplinares no SUS. E a integralidade se dá também pela representatividade de profissionais brancos, negros e indígenas, como é a formação desse país. A médica indígena, que trabalha no Hospital Municipal de Castanhal, no Pará, traz ao debate a importância da articulação com o saber tradicional, que usou junto com a ciência para exercer a sua profissão.

É das imagens da Região Norte que vemos as cenas mais inusitadas. Estamos falando aqui da dificuldade de acesso enfrentada por um SUS que chega até aos povoados mais isolados, cumprindo um dos seus princípios fundamentais, o da universalidade, a saúde como um direito de todos, o acesso às ações e serviços de saúde por todos os brasileiros. Mas é do Norte que também vêm as imagens mais tristes, mas sempre delicadas e respeitadas, como a cena em que os coveiros abrem covas na terra vermelha. Um genocídio sem sangue. Ainda que tenhamos aprendido a sermos espectadores de calamidades diante da exploração sistêmica da dor feita pela mídia, ainda que essas imagens da dor possam ser usadas para refletir (SONTAG, 2003), o filme opta mais uma vez por não mostrá-la. Mais uma vez, o som impõe a sua presença e é ele que fala quando as imagens podem ultrapassar o limite da dor.

Mas o documentário não deixa escapar o universo de questões que atravessaram a pandemia, sejam políticas ou religiosas ou questões estruturais como a desigualdade e o racismo. A desvantagem da população negra, reconhecidamente mais pobre e, por isso, mais vulnerável no enfrentamento da covid-19. Três quartos das pessoas que vivem em situação de extrema pobreza são pessoas negras e que vivem com cerca de cento e quarenta e cinco reais, como explica a médica, também negra, que atua na penitenciária. E as marcas da desigualdade, ou melhor, da iniquidade, são expostas em uma cena muito simbólica e sensível, o movimento de câmera (*travelling*) sobre o corpo de um paciente negro entubado. Billie Holiday dá o tom.

Por conta desse filme, temos registrado e documentado as vestimentas e máscaras que esses seres humanos que viveram entre os anos 2020 e 2021 usavam, as formas que usavam para limpar e lavar suas mãos, a forma com que limpavam as ‘casas de cura’ e os rituais de enterramento dos corpos dos entes falecidos. Mas é importante que se diga que o filme, para além de ser um registro histórico de uma *xawara* (epidemia mortal), como a chamam o povo Yanomami, para além de uma envolvente narrativa contada por quem conhece o SUS por dentro, é também um tributo. O filme é uma homenagem aos profissionais do SUS que resistiram e enfrentaram a pandemia. E também um convite para os brasileiros conhecerem a importância e capilaridade do sistema público de saúde do Brasil e assim, quem sabe, poder conquistar mais corações para lutar e defender o SUS. Sem dúvida é um filme para se ver e ouvir com o coração aberto.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. Agora somos todos índios - Nós, brancos, estamos hoje tão desamparados quanto os ianomâmis. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A3, 23 abr. 2020. Tendências/Debates. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/04/agora-somos-todos-indios.shtml>. Acesso em: 30 abr. 2023.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

CARLÓN, Mario. **Después del fin**: uma perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine y youtube: La Crujía, 2016.

PETTA, Helena. **Narrativas sobre saúde no audiovisual**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2022. 1 vídeo (110 min.). Publicado pelo canal VídeoSaúde Distribuidora da Fiocruz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cwNiadTH2EQ>. Acesso em: 30 abr. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.

QUANDO falta o ar. Direção: Ana Petta, Helena Petta. São Paulo: Paranoid: Clementina Filmes, 2021. 1 vídeo (81min.).

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.